

Teodoro Reyes Fong
Juan Flores Preciado
Ana Isabel Ordoñez Parada
Rodolfo Antonio Mejía Villaseñor
(Organizadores)



Perspectivas Contemporáneas en Finanzas, Economía y Competitividad:

Investigaciones sobre MiPyMEs, Relaciones Laborales,
Turismo y Marketing Digital

Teodoro Reyes Fong
Juan Flores Preciado
Ana Isabel Ordoñez Parada
Rodolfo Antonio Mejía Villaseñor
(Organizadores)



Perspectivas Contemporáneas en Finanzas, Economía y Competitividad:

Investigaciones sobre MiPyMEs, Relaciones Laborales,
Turismo y Marketing Digital



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores.

Este livro está protegido por leis internacionais de propriedade intelectual. O uso não autorizado de seu conteúdo constitui infração aos direitos dos autores e será sancionado conforme a legislação vigente. É permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, **conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.**

Editora Chefe
Editora Executiva
Direção de Arte
Diagramação
Organizadores

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
M.ª Viviane Carvalho Mocellin
M.ª Bruna Bejarano
Elisangela Abreu
Teodoro Reyes Fong
Juan Flores Preciado
Ana Isabel Ordoñez Parada
Rodolfo Antonio Mejía Villaseñor

Imagem da Capa

Fotografias: Bruna Bejarano. Da esquerda para a direita: Morro da Urca, Rio de Janeiro, Brasil (2016); Islamorada, Florida, EUA (2019); São Francisco, Curitiba, Brasil (2020); San Francisco, EUA (2018); Rio Tormes, Puente Enrique Esteban, Salamanca, Espanha (2022).

Bibliotecário **Instituições participantes**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422
Centro Universitario de la Costa Sur de la Universidad de Guadalajara
Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo
Universidad Autónoma de San Luis Potosí
Unidad UPIICSA del Instituto Politécnico Nacional
Universidad Autónoma de Chihuahua

Corpo Arbitral do Livro

Dr. Ángel Licona Michel
Dr. Juan Alfredo Lino Gamiño
Dra. Hortencia Hernández Vela
Dr. Dieter Edgardo Numpaque Acosta
Dra. Leticia María González Velásquez
Dra. Beatriz Llamas Aréchiga
Dr. Modesto Barrón Wilson

Universidad de Colima
Universidad de Colima
Universidad Juárez del Estado de Durango
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia
Universidad de Sonora
Universidad de Sonora
Universidad de Sonora



Dr. Francisco Espinoza Morales
Dr. Juan José García Ochoa
Dr. José Guadalupe Vargas Fernández
Dr. Miguel Ángel Oropeza Tagle
Dr. Roberto González Acolt
Dr. Virginia Guadalupe López Torres
Dr. Manuel Díaz Flores
Dra. Jesús Esperanza López Cortez

Universidad de Sonora
Universidad de Sonora
Tecnológico Nacional de México
Universidad Autónoma de Aguascalientes
Universidad Autónoma de Aguascalientes
Universidad Autónoma de Aguascalientes
Universidad Autónoma de Aguascalientes
Universidad Autónoma de Chiapas

Comitê Editorial do Livro

DR. RODOLFO ANTONIO MEJÍA VILLASEÑOR, Universidad de las Américas y del Caribe, México
DR. MIGUEL ÁNGEL OROPEZA TAGLE, Universidad Autónoma de Aguascalientes, México
DRA. JESÚS ESPERANZA LÓPEZ CORTEZ, Universidad Autónoma de Chiapas, México
DR. VICTOR VILLASUSO PINO, Universidad Autónoma de Yucatán, México
DR. HUGO FERNANDO CEBALLOS GÓMEZ, Universidad Mariana de San Juan Pasto Colombia
DRA. IVANNIA LILET MAYAG CHUD, Universidad Mariana de San Juan Pasto, Colombia
DRA. MARÍA INÉS ÁLVAREZ BURGOS, Universidad Santo Tomás, Colombia
DR. ALEX DARÍO ESTRADA GARCÍA, Universidad Nacional de Chimborazo, Ecuador
DRA. MÓNICA DORALIS ORTEGA URBANO, Universidad Santiago de Cali USC, COLOMBIA
DR. GALO CHRISTIAN NUMPAQUE ACOSTA, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia DRA.
GLORIA ESPERANZA ARAGÓN CUAMACÁS, Universidad Técnica del Norte Ecuador
DRA. MARIA EMPERATRIZ FUERTES NARVÁEZ, Instituto Superior Tecnológico Liceo Aduanero de Ecuador

Conselho Editorial – Editora Artemis

Prof.ª Dr.ª Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.ª Dr.ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.ª Dr.ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.ª Dr.ª Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.ª Dr.ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos



Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
 Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, *Universidade Estadual do Ceará*, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
 Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Portugal
 Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo (USP)*, Brasil
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
 Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste*, Argentina
 Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
 Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
 Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
 Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá
 Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
 Prof.^a Dr.^a Gabriela Gonçalves, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP)*, Portugal
 Prof.^a Dr.^a Galina Gumovskaya – *Higher School of Economics*, Moscow, Russia
 Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
 Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
 Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda*, Portugal
 Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
 Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara*, México
 Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia
 Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*, Brasil
 Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
 Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
 Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Brasil
 Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
 Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, *Universidade Federal do Amazonas*, Brasil
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
 Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, *Universidade de Évora*, Portugal
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, *UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros*, Brasil
 Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
 Prof. Dr. José Cortez Godinez, *Universidad Autónoma de Baja California*, México
 Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, *Instituto Politécnico Nacional*, México
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia



Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México

Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, Brasil

Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, *Universidade Estadual Paulista (UNESP)*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Lúvia do Carmo, *Universidade Federal de Goiás*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, *Universidade de Passo Fundo*, Brasil

Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México

Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha

Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha

Prof. Dr. Manuel Simões, *Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Márcia de Souza Luz Freitas, *Universidade Federal de Itajubá*, Brasil

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, *Universidade Estadual Paulista (UNESP)*, Brasil

Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, *Universidade Federal de Sergipe*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Margarida Márcia Fernandes Lima, *Universidade Federal de Ouro Preto*, Brasil

Prof.^a Dr.^a María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, *Universidade Federal da Bahia*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Maria da Luz Vale Dias – *Universidade de Coimbra*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maria do Céu Caetano, *Universidade Nova de Lisboa*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, *Universidade Federal do Maranhão*, Brasil

Prof.^a Dr.^a M^aGraça Pereira, *Universidade do Minho*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maria Gracinda Carvalho Teixeira, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, Brasil

Prof.^a Dr.^a María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara*, México

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Pato, *Instituto Politécnico de Viseu*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba

Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, *Universidade Federal de Lavras*, Brasil

Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, *Universidad del Pais Vasco*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Ninfa María Rosas-García, *Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional*, México

Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, *Universidade Federal Fluminense*, Brasil

Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru

Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, *Universidade Federal de Lavras*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, *Universidade do Estado da Bahia*, Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, *Universidade Federal do Pará*, Brasil

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, *Universidade Federal do Piauí*, Brasil

Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, *Universidade Federal do Piauí*, Brasil

Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, *Universidade Federal de Uberlândia*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.^a Dr.^a Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.^a Dr.^a Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P467 Perspectivas Contemporâneas en Finanzas, Economía y Competitividad [livro eletrônico] : Investigaciones sobre MiPyMEs, Relaciones Laborales, Turismo y Marketing Digital / Organizadores Teodoro Reyes Fong ... [et al.]. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2026.
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-82858-18-5
DOI 10.37572/EdArt_130826185

1. Finanzas – Economía. 2. Competitividad. 3. Micro e pequenas empresas. I. Reyes Fong, Teodoro. II. Flores Preciado, Juan. III. Ordoñez Parada, Ana Isabel. IV. Mejía Villaseñor, Rodolfo Antonio.

CDD 330

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

Las organizaciones, los mercados y las economías experimentan actualmente uno de los periodos de transformación más profundos de las últimas décadas. La acelerada evolución tecnológica, la digitalización de los procesos productivos, la creciente interdependencia económica entre los países, los cambios demográficos, la consolidación de nuevos modelos de negocio y la necesidad de incorporar criterios de sostenibilidad en las decisiones empresariales han modificado significativamente la manera en que las instituciones públicas y privadas generan valor, compiten y responden a las demandas de una sociedad cada vez más informada y exigente.

En este escenario, las finanzas, la economía y la administración enfrentan nuevos desafíos que trascienden los enfoques tradicionales. Hoy en día, la competitividad de las organizaciones no depende únicamente de la eficiencia en la utilización de sus recursos o de la obtención de ventajas económicas de corto plazo, sino también de su capacidad para innovar, adaptarse a entornos dinámicos, incorporar tecnologías digitales, fortalecer el capital humano, promover prácticas responsables y construir modelos de negocio resilientes que contribuyan al desarrollo sostenible.

Las micro, pequeñas y medianas empresas (MiPyMEs) representan uno de los principales motores de las economías nacionales, particularmente en países como México, donde generan una parte importante del empleo y contribuyen significativamente al producto interno bruto. Sin embargo, estas organizaciones enfrentan múltiples retos derivados de la competencia internacional, la limitada disponibilidad de recursos financieros, las brechas tecnológicas, la baja digitalización de sus procesos y los constantes cambios en los hábitos de consumo. En consecuencia, resulta indispensable generar conocimiento científico que permita comprender dichos desafíos y proponer alternativas orientadas a fortalecer su competitividad y permanencia.

De manera paralela, las relaciones laborales también han experimentado profundas transformaciones. La incorporación de nuevas generaciones al mercado laboral, la expansión del trabajo híbrido y remoto, la creciente importancia del bienestar organizacional y la evolución de las expectativas de los trabajadores han obligado a las organizaciones a replantear sus modelos de gestión del talento humano. Factores como la satisfacción laboral, el clima organizacional, la productividad, el compromiso y la calidad de vida en el trabajo se han convertido en variables estratégicas para incrementar la competitividad empresarial y asegurar la sostenibilidad de las organizaciones.

El turismo constituye otro de los sectores económicos con mayor capacidad para dinamizar el crecimiento regional, generar empleos, atraer inversiones y fortalecer

el desarrollo local. Sin embargo, las nuevas exigencias de los visitantes, la competencia entre destinos, la digitalización de los procesos de promoción y comercialización, así como los Objetivos de Desarrollo Sostenible, demandan estrategias innovadoras que permitan equilibrar el crecimiento económico con la conservación del patrimonio natural, cultural y social. En este contexto, el marketing digital y las tecnologías de información se consolidan como herramientas fundamentales para fortalecer la competitividad de los destinos turísticos y mejorar su posicionamiento en mercados nacionales e internacionales.

Asimismo, la economía contemporánea enfrenta fenómenos de alcance global que redefinen continuamente las estrategias de desarrollo de los países. El *nearshoring*, la relocalización de cadenas globales de suministro, la transición hacia modelos de economía circular, el fortalecimiento de la gobernanza corporativa y la incorporación de criterios ambientales, sociales y de gobernanza representan algunos de los temas más relevantes para comprender la evolución de las organizaciones durante la presente década. Estos fenómenos generan oportunidades de crecimiento económico, pero también implican importantes desafíos relacionados con la innovación, la infraestructura, la capacitación del capital humano, la sostenibilidad y la capacidad institucional.

En este contexto surge la presente obra, *Perspectivas contemporáneas en finanzas, economía y competitividad: Investigaciones sobre mipymes, relaciones laborales, turismo y marketing digital*, cuyo propósito consiste en aportar evidencia científica, análisis críticos y propuestas que contribuyan a la comprensión de algunos de los principales fenómenos que actualmente impactan a las organizaciones, los sectores productivos y las economías regionales.

El libro reúne investigaciones desarrolladas desde diferentes perspectivas teóricas y metodológicas, las cuales comparten un objetivo común: generar conocimiento útil para fortalecer la toma de decisiones tanto en el ámbito académico como en los sectores público y privado. La diversidad de temas incluidos refleja el carácter multidisciplinario de las ciencias económico-administrativas y evidencia la necesidad de abordar los problemas contemporáneos mediante enfoques integrales que consideren simultáneamente factores económicos, financieros, sociales, tecnológicos y organizacionales.

Con la finalidad de facilitar su comprensión, la obra se encuentra organizada en dos grandes apartados temáticos.

La parte I, denominada *Finanzas, economía, competitividad y MiPyMEs*, integra cinco investigaciones que analizan diversos factores relacionados con el desarrollo económico y la competitividad empresarial. El primer capítulo examina la importancia de la educación financiera como herramienta preventiva frente al fraude cibernético

asociado con el robo de identidad bancaria y la clonación de tarjetas de crédito en México, problemática que ha adquirido una relevancia creciente debido al incremento de las transacciones electrónicas y la expansión de los servicios financieros digitales.

El segundo capítulo analiza el turismo como motor del desarrollo económico regional, destacando su capacidad para generar empleo, atraer inversiones y dinamizar las economías locales mediante el aprovechamiento sostenible de los recursos naturales y culturales.

Posteriormente, el tercer capítulo estudia las oportunidades que representa el *nearshoring* para el crecimiento económico de México, considerando los cambios recientes en las cadenas globales de suministro, la relocalización de empresas y las ventajas competitivas que ofrece el país para atraer nuevas inversiones productivas.

El cuarto capítulo presenta una evaluación multicriterio sobre la competitividad, la gobernanza y la sostenibilidad de Petróleos Mexicanos (PEMEX) durante el periodo 2018-2024. Mediante un enfoque integral, se analizan diferentes dimensiones relacionadas con el desempeño institucional, la eficiencia operativa y la sostenibilidad de una de las empresas estratégicas más importantes para la economía nacional.

Finalmente, el quinto capítulo aborda la economía circular como un modelo alternativo para fortalecer la competitividad de las MiPyMEs mexicanas. El estudio destaca la importancia de promover procesos productivos sostenibles, optimizar el aprovechamiento de los recursos y reducir los impactos ambientales mediante estrategias de reutilización, reciclaje e innovación.

La parte II, titulada *Relaciones laborales, productividad, turismo y marketing digital*, reúne investigaciones orientadas a comprender los factores humanos y tecnológicos que influyen en el desempeño organizacional y en la competitividad de los destinos turísticos.

El sexto capítulo analiza la satisfacción laboral y su relación con el nivel socioeconómico y los grupos generacionales, identificando diferencias en las expectativas, motivaciones y percepciones de los trabajadores que permiten comprender mejor la diversidad existente dentro de las organizaciones contemporáneas.

El séptimo capítulo examina la percepción de los empleados respecto a los factores que inciden en la productividad y el clima laboral dentro de una empresa. Los resultados aportan evidencia relevante sobre la importancia del liderazgo, la comunicación, la motivación y las condiciones de trabajo para incrementar el desempeño organizacional.

El octavo capítulo estudia la relación entre calidad digital, turismo sostenible y posicionamiento de los Pueblos Mágicos desde la perspectiva de los Objetivos de Desarrollo Sostenible. La investigación muestra cómo las herramientas digitales pueden

fortalecer la competitividad turística al mejorar la experiencia de los visitantes y promover un desarrollo territorial más equilibrado.

El noveno y último capítulo analiza el uso de plataformas de marketing digital en los principales atractivos turísticos de la ciudad de Morelia. La investigación identifica el grado de adopción de diversas herramientas digitales y su contribución al posicionamiento de los destinos turísticos en un entorno caracterizado por consumidores altamente conectados y por una intensa competencia entre ciudades.

En conjunto, los capítulos que conforman esta obra evidencian que la competitividad constituye un fenómeno multidimensional en el que convergen factores económicos, financieros, tecnológicos, organizacionales, sociales y ambientales. Ninguna organización puede alcanzar un crecimiento sostenido si descuida alguno de estos componentes, pues el éxito depende cada vez más de la capacidad para integrar estrategias innovadoras con prácticas responsables y orientadas a la generación de valor compartido.

Otro aspecto que distingue a esta obra es el predominio de investigaciones aplicadas que vinculan el conocimiento científico con problemas reales enfrentados por empresas, instituciones y sectores económicos. Esta orientación favorece la transferencia del conocimiento hacia la práctica profesional y proporciona elementos que pueden apoyar la formulación de políticas públicas, estrategias empresariales y proyectos de investigación futuros.

Los coordinadores y autores confían en que las investigaciones aquí presentadas contribuyan al fortalecimiento del debate académico y estimulen nuevas líneas de investigación en torno a las finanzas, la economía, la competitividad, las MiPyMEs, las relaciones laborales, el turismo y el marketing digital. Asimismo, se espera que esta obra sirva como material de consulta para estudiantes de licenciatura y posgrado, docentes, investigadores, empresarios y responsables de la toma de decisiones interesados en comprender las dinámicas que actualmente configuran el desarrollo económico y organizacional.

En una realidad caracterizada por el cambio permanente, la generación de conocimiento científico constituye uno de los pilares fundamentales para promover sociedades más competitivas, inclusivas y sostenibles. Bajo esta convicción, *Perspectivas contemporáneas en finanzas, economía y competitividad: Investigaciones sobre mipymes, relaciones laborales, turismo y marketing digital* representa una aportación académica que busca enriquecer la discusión contemporánea sobre algunos de los desafíos más relevantes que enfrentan las organizaciones y los territorios en el siglo XXI, invitando al lector a reflexionar, contrastar ideas y generar nuevas propuestas que contribuyan al desarrollo económico y social desde una perspectiva integral y basada en la evidencia.

SUMÁRIO

FINANZAS, ECONOMÍA, COMPETITIVIDAD Y MIPYMES

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCACIÓN FINANCIERA PARA PREVENIR EL FRAUDE CIBERNÉTICO MEDIANTE EL ROBO DE IDENTIDAD BANCARIA Y LA CLONACIÓN CON EL USO DE LAS TARJETAS DE CRÉDITO EN MÉXICO

Francisco Flores Cuevas

Claudio Rafael Vásquez Martínez

Clara Eugenia Moreno Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261851

CAPÍTULO 2..... 20

EL TURISMO COMO MOTOR DE DESARROLLO ECONÓMICO REGIONAL

Erik Alfaro Calderón

Ma. del Carmen Arias Valencia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261852

CAPÍTULO 3..... 35

LOGÍSTICA Y EL NEARSHORING PARA EL CRECIMIENTO DE MÉXICO

Yuritzi Lizeth Gámez Béjar

Cuauhtémoc Guerrero Dávalos

Ma. Hilda Rodales Trujillo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261853

CAPÍTULO 4..... 43

EVALUACIÓN MULTICRITERIO DE LA COMPETITIVIDAD, GOBERNANZA Y SOSTENIBILIDAD: EL CASO PEMEX, 2018-2024

Cuauhtémoc Guerrero Dávalos

Ma. Hilda Rodales Trujillo

Yuritzi Lizeth Gámez Béjar

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261854

CAPÍTULO 5..... 59

ECONOMÍA CIRCULAR Y LAS MIPYMES MEXICANAS

Nayeli Itzel Beltrán García

Evelia Rojas Alarcón

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261855

RELACIONES LABORALES, PRODUCTIVIDAD, TURISMO Y MARKETING DIGITAL

CAPÍTULO 6..... 74

SATISFACCIÓN LABORAL Y SU RELACIÓN CON EL NIVEL SOCIOECONÓMICO Y EL GRUPO GENERACIONAL

Rosa Isela Urbiola Rodríguez

Héctor López Gama

David González Díaz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261856

CAPÍTULO 7..... 88

ANÁLISIS DE LA PERCEPCIÓN DE LOS EMPLEADOS ACERCA DE LOS FACTORES QUE INCIDEN EN LA PRODUCTIVIDAD Y EL CLIMA LABORAL EN UNA EMPRESA

Alma Lilia Sapién Aguilar

Laura Cristina Piñón Howlet

Ricardo Gallegos Murillo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261857

CAPÍTULO 8..... 104

CALIDAD DIGITAL, TURISMO SOSTENIBLE Y POSICIONAMIENTO DE LOS PUEBLOS MÁGICOS: UNA APROXIMACIÓN DESDE LOS OBJETIVOS DE DESARROLLO SOSTENIBLE

Marcela Figueroa Aguilar

Martha Beatriz Flores Romero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261858

CAPÍTULO 9..... 121

ANÁLISIS DEL USO DE PLATAFORMAS DE MARKETING DIGITAL EN LOS PRINCIPALES ATRACTIVOS TURÍSTICOS DE LA CIUDAD DE MORELIA

Alberto Cortés Hernández
Víctor Tinoco Bejar
Alejandra Berenice García Torres

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1308261859

SOBRE LOS ORGANIZADORES134

ÍNDICE REMISSIVO136

CAPÍTULO 5

ECONOMÍA CIRCULAR Y LAS MIPYMES MEXICANAS

Data de submissão: 18/07/2026

Data de aceite: 31/07/2026

Nayeli Itzel Beltrán García¹

<https://orcid.org/0009-0002-1442-8780>

Evelia Rojas Alarcón²

<https://orcid.org/0000-0003-0742-639X>

RESUMEN: El deterioro ambiental que se presentaba en los años sesenta en el mundo, dio origen a un cambio de paradigma, donde se considera al proceso industrial parte del ecosistema, por lo que surgen las preguntas: ¿cómo es que el ser humano ha adoptado ese cambio de paradigma para resolver el desastre que ha generado en el planeta? y ¿cómo se está dando en las mipymes mexicanas? En este trabajo, se analiza la interacción de la economía circular y las mipymes mexicanas, con el objetivo de exponer la importancia que representa el cambio en el proceso de producción, al pasar del modelo lineal al modelo circular. Se utilizó un método documental con un enfoque descriptivo y se aplicaron entrevistas semiestructuradas a tres mipymes mexicanas, donde fue posible detectar que, en México, las empresas alineadas hacia la

¹ Estudiante de la Maestría en Ciencias en estudios Interdisciplinarios para las Pymes del Instituto Politécnico Nacional, Unidad UPIICSA.

² Doctora en economía, profesora investigadora del Instituto Politécnico Nacional.

adopción del modelo circular se enfrentan a barreras y limitaciones, pero también existen oportunidades y cambios en la ley que, en conjunto con instituciones, hacen avanzar la transición hacia la economía circular.

PALABRAS CLAVE: modelo lineal; modelo circular; producción.

CIRCULAR ECONOMY IN MEXICAN MSMES

ABSTRACT: Environmental damage observed around the world in the 1970s gave rise to a new paradigm, in which industrial process began to be regarded as part of the ecosystem. Consequently, several questions have emerged, such as: how have human beings adopted this paradigm shift to address the disaster they have caused on the planet? And how is this transformation taking place within Mexican MSMEs? This research analyzes the interaction between the circular economy and Mexican MSMEs, with the aim of highlighting their important role in changing production processes, moving from the linear model to the circular one. A documentary method with a descriptive approach was used, along with semi-structured interviews conducted with three Mexican MSMEs, where it was possible to identify that, in Mexico enterprises aligned with the circular model face barriers and limitations, but there are also opportunities and regulatory changes that, together with institutional efforts, are driving the transition toward a circular economy.

KEYWORDS: linear model; circular model; production.

1. INTRODUCCIÓN

El proceso de producción lineal ha estado presente desde la revolución industrial, este modelo ha guiado la dinámica de extraer, producir, consumir y desechar. Las empresas comenzaron a tener grandes ganancias por todos aquellos productos que han satisfecho necesidades del hombre, pero también han generado enormes cantidades de basura por sus envolturas llamativas. Desde entonces el problema medioambiental comenzó a presentarse.

Dos siglos después, surge en los años sesenta, la denominada “ecología industrial” a partir de hacer un acto de conciencia y darse cuenta de que las acciones humanas estaban generando importantes problemas medioambientales, fue entonces que surgió un cambio de paradigma, pasar de considerar el proceso industrial como algo independiente de la biosfera, a entender que forma parte del ecosistema.

Por lo anterior, se plantean las preguntas a las que se pretende dar respuesta ¿cómo es que el ser humano ha adoptado ese cambio de paradigma para resolver el desastre que ha generado en el planeta? y ¿Cómo se está dando en las mipymes mexicanas?

Entre los primeros trabajos en aparecer para plantear un cambio de paradigma se encuentran los del arquitecto, Walter Stahel en 1977 denominado “*The Potential for Sustituting Manpower for Energy*”, quien empleó los principios y técnicas de la ecología industrial; en la evaluación de flujos y reservas de materiales; en la optimización de recursos; en el análisis del metabolismo urbano y en la transición hacia una economía basada en servicios; en la reducción del uso de materiales, promoviendo así un cambio fundamental en el proceso de producción.

Las micro, pequeñas y medianas empresas (mipymes) donde tienen un papel dual en la contaminación del planeta, en primera, por su participación en las cadenas de producción son causantes de externalidades negativas en el medio ambiente, debido a que no cuentan con tecnologías limpias, financiamiento o capacitación, y en segunda, porque constituyen un actor estratégico para impulsar la transición hacia modelos con un enfoque más sostenible (INEGI, 2021; CEPAL, 2021).

En este sentido, la transición del cambio de modelo lineal al modelo circular, las mipymes resultan ser pieza clave pues representan el 99.8% de las unidades económicas del país y generan más de la mitad del Producto Interno Bruto (INEGI, 2021), y son las que pueden impulsar el desarrollo sostenible.

De acuerdo con Barraza y Rodríguez (2020), las mipymes tienen una importante participación en la degradación ambiental, directamente o a partir de los encadenamientos productivos, al carecer de capacidades técnicas, conocimiento ambiental o apoyo institucional para implementar prácticas sustentables.

Lograr que México transite hacia un nuevo modelo de producción a través de las mipymes es importante, pues promueve la atención a la resolución de problemas ambientales que en la actualidad vivimos día con día, de acuerdo con Cantú, Aguiñaga y Scheel, (2021), en el país cada vez hay un consenso más amplio en que la economía no puede seguir funcionando con base en la extracción y el consumo infinito de recursos naturales.

Es así como este trabajo se desarrolla en tres apartados, el primero es el marco teórico, donde se hace una revisión exhaustiva de la literatura sobre la economía circular; en el segundo apartado, se analiza este fenómeno socioeconómico en las empresas mexicanas para finalmente en el tercer apartado presentar las conclusiones a las que se llega.

2. MARCO TEÓRICO

Diversas corrientes han abordado, la economía circular, introducido por primera vez por los economistas David W. Pearce y R. Kerry Turner en 1990, en su libro *“Economics of Natural Resources and the Environment”*, en este enfoque, se establece un sistema donde se examinan de manera integral las relaciones entre la economía y el medio ambiente: se considera que los sistemas, ya sean físicos, biológicos, sociales, económicos, mentales o lingüísticos, deben ser analizados en su totalidad, en lugar de enfocarse únicamente en las partes que los conforman.

La Biomímesis; concepto desarrollado por la bióloga Janine Benyus en su libro *“Biomimicry: innovation inspired by nature”* en 1997, en el cual identificaba a la biomímesis como los procesos naturales que pueden resolver desafíos económicos, sociales y ambientales mediante la creación de ciclos que se retroalimentan y tienen la capacidad de reintegrar al entorno natural materiales fácilmente absorbibles, biodegradables y no perjudiciales para los ecosistemas.

La Economía Azul, se introduce por primera vez en el año de 1994 por Gunter Pauli, y surge como propuesta en la Cumbre Mundial de ambiente denominada “Conferencia de las Naciones Unidas sobre Desarrollo Sostenible”, en 2012. Desde la economía azul como un nuevo modelo económico que reside en comprender y aplicar la lógica de los ecosistemas, argumentando que:

“sí estructuráramos nuestras economías tomando la naturaleza como referencia, podríamos utilizar la energía y los recursos de manera más eficiente, evitando la generación de residuos, y al mismo tiempo, se estarían generando millones de empleos” (Pauli, 2011).

De la Cuna a la Cuna; metodología desarrollada por William McDonough y Michael Braungart en 2002, se centra en comprender y generar conciencia sobre cómo los productos operan en términos de su influencia en el medio ambiente. De esta manera,

sostiene que hay dos tipos de ciclos: el técnico, que implica recuperar y restaurar productos, componentes y materiales utilizando estrategias para prolongar su durabilidad; y el biológico, que involucra diseñar alimentos y otros productos de modo que puedan reintegrarse al sistema a través de procesos de compostaje y anaerobia.

Posteriormente debido a la relevancia que este término desarrolló en los últimos años, el concepto de la economía circular ha sido utilizado por grandes organismos y considerado a nivel mundial como un modelo que favorece al desarrollo del planeta en sentidos sociales, económicos y ecológicos. Algunas de estas, son:

La Fundación Ellen MacArthur, fundada en 2010, se ha dedicado a la promoción de la economía circular y sostenibilidad, sustenta que es un modelo de restauración y regeneración y se centra en transformar todo el sistema mediante la innovación, con el propósito de redefinir productos y servicios para eliminar los desechos y reducir al mínimo los efectos negativos del modelo económico lineal.

La Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE), considera que este modelo tiene tres niveles de circularidad y cada uno tiene distintos alcances, de este modo, implica una transformación profunda del sistema, donde los servicios se proporcionan de manera que se utilicen los recursos naturales de forma eficiente como materias primas, maximizando su reutilización. Además, las actividades económicas se organizan de tal manera que se reduzcan, ralenticen y cierren los ciclos a lo largo de las cadenas de valor. Asimismo, las infraestructuras se planifican y construyen con el objetivo de evitar el flujo lineal de los recursos.

La Comunidad Europea (CE), concibe a la economía circular como un modelo de producción y consumo que busca maximizar la utilidad de los materiales y productos existentes mediante el intercambio, alquiler, reutilización, reparación, renovación y reciclaje, entiende que este modelo busca extender el ciclo de vida de los productos para generar mayor valor añadido.

La Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), visualiza a la economía circular como un enfoque de cambio en la producción, que adopta una nueva forma de pensar sobre cómo producir y consumir, mediante la optimización de los recursos, la innovación tecnológica y la creación de modelos de negocio novedosos, buscando así, disminuir la extracción de recursos y la dependencia de insumos importados en las cadenas globales de producción y suministro.

La Organización de las Naciones Unidas (ONU), plantea que este modelo es un marco de soluciones sistémicas para el desarrollo y crecimiento económico, que aborda desafíos globales como el cambio climático, la pérdida de biodiversidad y el aumento de la contaminación y los residuos. Sostiene que, al centrarse en el diseño y la implementación

de soluciones basadas en el uso de energías y materiales renovables, la economía circular está transformando fundamentalmente la manera en cómo se concibe, se produce y se consume en la sociedad.

3. LA ECONOMÍA CIRCULAR EN EL CONTEXTO MEXICANO

En México se adoptó el modelo de producción circular, lo que ha llevado al gobierno a implementar y desarrollar diversas iniciativas para tratar de reducir el deterioro ambiental e involucrarse en las decisiones de organizaciones mundiales para enfrentar este problema.

Una de las primeras medidas adoptadas por el gobierno fue el desarrollo de la Ley General de Equilibrio Ecológico y protección al Ambiente (LGGEPA) de 1988, la cual define al desarrollo sustentable como un proceso evaluable a través de criterios e indicadores de variables ambientales, económicas y sociales que permiten mejorar el nivel de vida y la productividad de las personas, con medidas propias de preservación del equilibrio ecológico, protección del medio ambiente y aprovechamiento de los recursos naturales, de tal forma que no se comprometa la satisfacción de las necesidades de las generaciones futuras (LGGEPA, 1988).

Asimismo, derivado de las prácticas inadecuadas hacia el medio ambiente, el deterioro ambiental, la producción y consumo excesivos, el crecimiento poblacional, la brecha económica, entre otros, llevaron al país a una necesidad urgente de generar cambios.

En 1992, México en conjunto con líderes de todo el mundo; durante la Cumbre de la Tierra de Río de Janeiro; se comprometió al cumplimiento de la “Agenda 21”, la cual consistía en adoptar medidas y acciones nacionales y globales orientadas a la sustentabilidad, asimismo, las naciones se comprometían al uso de indicadores para evaluar sus estrategias y políticas de desarrollo sustentable.

Posteriormente en 1994, México creó la primera secretaría enfocada al diseño de políticas públicas ambientales donde se consideraron criterios de desarrollo sustentable, fue llamada Secretaría de Medio Ambiente Recursos Naturales y Pesca (SEMARNAP). Esta institución se encarga de la gestión de áreas protegidas, políticas de desechos peligrosos, vida silvestre, agua, suelo, regulación y educación ambiental, entre otros, mediante programas que buscan frenar el deterioro ambiental.

En los años 1997 y 2010 México participó junto con otros 21 países, en la prueba piloto de la Comisión de Desarrollo Sustentable (CDS), para proponer indicadores de desarrollo sustentable, donde los aspectos legales, la planeación, infraestructura y capacidad técnica institucional fueron elementos clave para medirlos.

Asimismo, la SEMARNAP y el Instituto Nacional de Geografía y Estadística (INEGI), crearon un convenio para desarrollar información ambiental y elaborar estadísticas ambientales, económicas y sociales, dando como resultado los Indicadores de Desarrollo Sustentable, los cuales se clasifican en cuatro categorías: social, económica, ecológica e institucional (SEMARNAT, s.f.).

Actualmente en México, tanto empresas grandes como mipymes, han adoptado la sustentabilidad como una oportunidad, pero sobre todo como un reto para lograr mantenerse en el mercado, por ejemplo, las Empresas B³, que a través del cumplimiento de estándares de desempeño ambiental y social buscan maximizar sus beneficios económicos y de prestigio.

Sin embargo, ante las crecientes necesidades de implementar estrategias que ayuden a controlar el problema medioambiental la Convención Marco de las Naciones Unidas sobre el Cambio Climático (CMNUCC) a través de la Conferencia de las partes, ha determinado que es necesario que las economías adopten un nuevo sistema, poniendo como principal modelo la economía circular.

Ante esto y con el fin de transitar hacia una economía enfocada al cumplimiento de la Agenda 2030, el 14 de febrero de 2023, el Pleno del Congreso de la Ciudad de México, aprobó la nueva Ley de Economía Circular. La cual promueve una transición hacia un modelo circular y sustentable, estableciendo condiciones compatibles con el éxito de las empresas.

La Secretaría del Medio Ambiente de la Ciudad de México (SEDEMA), la Secretaría de Desarrollo Económico (SEDECO) y la Ley de Economía Circular de la Ciudad de México 2023, establecen diversos mecanismos orientados a promover que tanto los productores como consumidores reduzcan el impacto negativo en el medioambiente, generado por las actividades económicas.

Dichos mecanismos buscan fomentar prácticas sostenibles, impulsar la gestión de los recursos y fortalecer la transición hacia un modelo de producción circular, a través de:

- “1. Evaluación de circularidad; procedimiento a través del cual las empresas interesadas, de manera voluntaria pueden someter los procesos, productos y servicios que desarrollan, distribuyen o comercializan en el territorio de la Ciudad de México, a evaluación, para conocer el grado de cumplimiento con relación a los Criterios de Circularidad;*
- 2. Distintivo de Circularidad; Las empresas interesadas que se hayan sometido a la*

³ Organizaciones que buscan mantener un equilibrio económico con el bienestar social y ambiental, promoviendo un modelo empresarial que deja a un lado la lógica tradicional del lucro. De acuerdo con Honeyman (2014) estas empresas miden el éxito no solo por sus utilidades financieras, si no también, por el impacto positivo que generan en la sociedad y medio ambiente.

Evaluación de Circularidad y cuenten con los niveles de cumplimiento que para tal efecto se establezcan, podrán hacer uso del distintivo de circularidad, colocándolo de manera visible en los procesos, productos y servicios evaluados, previa autorización de la autoridad correspondiente; 3. Programa de Economía Circular de la Ciudad de México; Instrumento de planeación estratégica, que integra, coordina e impulsa políticas públicas, programas, proyectos y actividades, bajo los principios y enfoques de diseño de la presente Ley, para transitar hacia una economía circular. Tendrá carácter transversal, deberá establecer objetivos, ejes, líneas de acción, método e indicadores de seguimiento y evaluación.”

El desarrollo de esta ley no solo promueve una nueva transición, sino que también, ofrece la oportunidad a las empresas de crecer y desarrollarse, puesto que, si bien, en el país existen políticas y programas que apoyan el emprendimiento, también es una realidad que muchas de las mipymes que buscaban desarrollarse en este ámbito, fracasaron debido a la falta de apoyo gubernamental, asesoramiento, apalancamiento financiero y a la insuficiente creación de políticas públicas.

4. LA ECONOMÍA CIRCULAR Y LAS MIPYMES MEXICANAS

Lograr que México transite hacia un nuevo modelo de producción dentro de las mipymes es importante, para promover la atención a la resolución de problemas ambientales que en la actualidad vivimos día con día.

De acuerdo con Cantú, Aguiñaga y Scheel, (2021), en el país cada vez hay un consenso más amplio en que la economía no puede seguir funcionando a base de la extracción y el consumo infinito de recursos naturales.

Para las mipymes, la economía circular se presenta como una oportunidad de cambio y transición hacia una nueva forma de hacer negocios, pero también hacia nuevas formas de convivir con el medio que las rodea.

De acuerdo con el Banco Mundial (BM, 2018), las mipymes generan alrededor del 71% de la contaminación global en diferentes niveles y sectores económicos.

Y para el caso de México es imperativo apoyar a las mipymes, pues de acuerdo con datos obtenidos por INEGI (2020), de 4.9 millones de establecimientos que existen en el país, las mipymes representan el 99.8% de la economía.

Por lo anterior, es que es importante considerar la economía circular como un modelo fundamental, su adopción permitirá preservar el valor de los materiales y productos durante el mayor tiempo posible, evitando de este modo, enviar de regreso a la naturaleza la mayor cantidad de desechos que sea posible (Deckymn, Solórzano, 2018; Ellen MacArthur, 2013).

Sin embargo, de acuerdo con Whalen (2019), la implementación de la economía circular puede verse afectada por la falta de conocimiento e interés sobre el tema o por desconocer los beneficios que genera adoptar este modelo productivo.

En su mayoría, las mipymes no conocen el concepto y por lo mismo no han considerado integrarlo a su empresa; en otros casos, los empresarios sin saberlo ya hacen uso de este modelo, pero lo adoptan de manera intuitiva, desconocen el concepto, las leyes o los programas que existen para impulsarla.

Ormazabal et al. (2018) consideran que estas barreras pueden dividirse en dos segmentos importantes:

1. El primero, son las barreras duras que consideran; la falta de apoyo financiero y de incentivos fiscales, sistemas de gestión insuficientes, falta de subsidios para la investigación y desarrollo de tecnología adecuada, recursos técnicos y financieros insuficientes y falta de apoyo en la creación de políticas públicas; y
2. El segundo que contemplan las barreras basadas en el ser humano; dentro de las cuales se encuentran la falta de interés de los consumidores y organizaciones en temas ambientales, la desinformación y la falta de capacitación.

Otra problemática a la que se enfrentan las empresas es a la toma de decisiones del consumidor, si bien muchas veces la economía circular es pensada desde la perspectiva del proceso productivo uno de los principales obstáculos para su adopción es la falta de interés y concientización de los consumidores.

Un aspecto positivo que señalan los autores es que existe una contraparte a esta problemática identificada como impulsores de la economía circular, estos influyen en la toma de decisión de las mipymes, puesto que promueven el interés de implementar nuevos procesos para aumentar el prestigio de sus productos y con ello de la propia empresa, reduciendo los costes y aumentando la rentabilidad financiera.

Durante esta investigación, con el objetivo de conocer a profundidad las problemáticas de las mipymes, se llevó a cabo un primer acercamiento, en el que se entrevistaron a tres empresas, estas pertenecen a diferentes sectores de la industria, donde, fue posible identificar tres aspectos importantes:

primero, que las barreras propuestas por Ormazabal et al. (2018), aplican para las micro, pequeñas y medianas empresas dentro del contexto mexicano;

segundo, que, si bien algunas empresas no implementan la economía circular en sus procesos productivos, si son impulsoras de este proceso, puesto que promueven ante sus clientes prácticas enfocadas a este modelo y;

tercero, que los proveedores y los consumidores influyen en las decisiones que las empresas pueden tomar.

Por lo anterior, se resalta la participación de las mipymes para contribuir a resolver los problemas del medio ambiente, al cambiar la forma en la que se concibe la producción y el consumo a través de la economía circular.

5. METODOLOGÍA

La presente investigación se llevó a cabo bajo un enfoque cualitativo de tipo descriptivo, con la finalidad de analizar las percepciones, las barreras y oportunidades a las que las Mipymes hacen frente en la implementación de la economía circular en sus procesos de producción.

De acuerdo con Merriam (2009), la investigación cualitativa descriptiva es un proceso a través del cual se busca comprender e interpretar el significado que las personas atribuyen a sus experiencias, contextos y prácticas.

En esta investigación se realizaron tres procesos metodológicos; primero, se realizó una revisión documental, a través de la cual se analizaron todas las fuentes teóricas e institucionales; el segundo, consistió en la aplicación de entrevistas semiestructuradas a tres mipymes pertenecientes a tres sectores: reciclaje, mantenimiento y compostaje.

Esta técnica de acuerdo con Kvale (1996), permite explorar de manera profunda percepciones experiencias y significados, manteniendo una estructura flexible que permite profundizar en los temas de interés.

Estas entrevistas se centraron en tres ejes principales:

1. La identificación de barreras y limitantes.
2. Prácticas sostenibles implementadas y promovidas.
3. Relación entre proveedores y clientes con la empresa.

Y finalmente, el tercer proceso, consistió en realizar una codificación “in vivo”, la cual de acuerdo con Saldaña (2013), es una forma de honrar las voces de los participantes, pues permite representar sus perspectivas a través de su propia voz, con frases, vocabulario o términos distintivos.

A partir de la triangulación de la información obtenida, fue posible contrastar los hallazgos de las entrevistas con la literatura y demostrar que los marcos contextuales son pertinentes al contexto mexicano.

6. ANÁLISIS Y DISCUSIÓN DE RESULTADOS

El análisis de las tres entrevistas mostró patrones que existen en común entre las empresas y particularidades en las prácticas de las mipymes mexicanas respecto a la economía circular. Derivado de ello los resultados se pueden expresar en tres grupos interpretativos:

1. Barreras estructurales y falta de capacidades técnicas.

Las empresas coinciden en que su estancia en el mercado y la búsqueda de implementar cambios en sus procesos alineados a la economía circular ha sido difícil, debido a la falta de financiamiento, apoyo gubernamental y de conocimiento técnico, pues si bien, tienen el interés en pro de alinearse a las necesidades de cuidado del medio ambiente, se consideran olvidados y poco apoyados por las instituciones gubernamentales.

Estas limitaciones se ajustan con las barreras que identifican Ormazabal et al. (2018), quienes señalan que las mipymes enfrentan dificultades para tener acceso a recursos financieros, capacitación y asesoría técnica.

De acuerdo con la CEPAL (2021), en el contexto mexicano, la falta de incentivos gubernamentales limita la articulación entre actores públicos y privados.

Las entrevistas mostraron que la falta de cultura organizacional ambiental también es una barrera significativa, aunque los empresarios reconocen la importancia de la sostenibilidad, consideran que al modificar los procesos productivos la inversión de retorno es lenta y lo que se busca es rentabilidad inmediata, véase la tabla 1.

Tabla 1. Entrevistas.

Barreras estructurales y falta de capacidades técnicas	Extractos de las entrevistas
Financiamiento	"no encontré apoyo del gobierno" "para solicitar un crédito los intereses eran altísimos" "al gobierno no le interesa apoyar a los que cuidamos el ambiente" "no conozco ningún financiamiento para este tipo de negocio" "tengo que recurrir a recursos propios" "sé que cuidar el medio ambiente es importante, pero a veces es caro hacer los cambios" "el dinero no regresa del mismo modo en el que le inviertes"
Apoyo gubernamental	"no conozco de leyes o programas que el gobierno haga para nosotros" "hay veces que según sacan programas, pero siempre son solo a unos cuantos a los que les dan el apoyo" "¡Apoco hay una ley!, yo no sabía eso" "al gobierno no más le interesa estar bien el, siempre que buscamos apoyo nos lo niegan o nos ponen un montón de trabas" "ni me acerco a preguntar porque nunca hay"
Conocimiento técnico	"la verdad a veces hacemos las cosas como se nos ocurren" "nos cuesta acceder a programas de capacitación" "pocos compañeros saben sobre este tipo de proceso" "a veces tenemos que ingeniárnosla para usar las máquinas" "solo una persona está capacitada y ella puede llegar a enseñar a los demás"

Fuente: Elaboración propia, 2025 con base en entrevistas a tres empresas: A, B y C.

2. Empresas como impulsoras de la circularidad.

Aunque en este estudio se lograron identificar algunas limitaciones, fue posible observar que las mipymes desempeñan un papel activo en la promoción de prácticas sostenibles dentro de sus cadenas de valor, aun cuando de manera interna no implementen las estrategias directamente.

Este es el caso de la empresa B, incorporada al sector de mantenimiento, la cual se centra en brindar soporte al equipo de producción, así como a actualizaciones de software y modificaciones en la maquinaria. No se logró identificar que integrara de manera directa dentro de sus operaciones el modelo de la economía circular, sin embargo, a través de sus actividades económicas, fue posible constatar que brinda servicios relacionados con la economía circular y que a su vez los promueve con empresas de otro sector.

“La empresa (...) nos contrató para modificar una válvula dentro de su maquinaria, de tal modo que el vapor que sus torres de emisión generan, se integraran nuevamente por conductos internos y no salieran al ambiente, con esto ellos generan energía y lo usan para otros procesos,..., en una ocasión me pidieron un trabajo y me explicaron lo que pidieron, solo que no sabían como hacerlo, me sonó a lo que ya había hecho para la otra empresa, así que lo recomendé y al dueño le pareció una mejor opción, cuando surgen trabajos así recomiendo lo que sé que funciona y lo que ha funcionado, este cambio ya lo he hecho y sé que funciona, por eso me gusta comentárselos a mis clientes” (Empresa B, 2024).

Estas acciones no representan una economía circular plena, pero, si constituyen un paso importante hacia el concepto que desarrollan Kirchherr et al. (2018), “*circularidad extendida*” lo cual significa que los efectos del modelo se expanden fuera de los límites de la organización.

Este hallazgo muestra como las empresas son un agente de cambio, a través de la promoción hacia modelos con estrategias sustentables, lo cual, en algunas ocasiones puede desarrollarse por experiencias propias.

3. Relación entre proveedores y clientes con la empresa.

En este apartado fue posible identificar que las decisiones empresariales son dependientes del comportamiento de los proveedores y de los clientes. Cuando los consumidores comienzan a tomar conciencia sobre el aspecto ambiental, ejercen presión para que los productores adopten prácticas sustentables, de este modo, tienen mayor disposición a modificar sus procesos productivos. Chertow (2000) y Gereffi (2018), explican que la colaboración entre actores impulsa las transformaciones de los modelos productivos.

Este conjunto de resultados, muestra que la transición hacia la economía circular en las mipymes es un proceso que se está llevando a cabo de manera gradual, relacional

y condicionada por el entorno económico y social, donde es indispensable la interacción entre empresa, sociedad, mercado y gobierno.

A través del análisis de las entrevistas fue posible identificar que actualmente las empresas se encuentran en diferentes niveles de transición hacia la economía circular.

7. CONCLUSIONES

En México, las empresas alineadas hacia la adopción de la economía circular se enfrentan a barreras, limitaciones y oportunidades, mostrando que la transición hacia este modelo se encuentra en una etapa inicial, pues la mayoría de las micro, pequeñas y medianas empresas se enfrentan a la carencia de recursos técnicos y económicos suficientes para integrar estrategias circulares en sus procesos productivos.

Se pudo constatar que una de las empresas integra prácticas de valorización de residuos y reutilización de materiales; otra de ellas brinda la facilidad de realizar modificaciones a la maquinaria de otras empresas, reforzando la relación y, con ello, promoviendo prácticas circulares; y, finalmente, la última empresa recicla los residuos de alimentos para convertirlos en insumos que ayudan al mantenimiento de la tierra fértil.

También a través de las entrevistas, fue posible detectar que existe un interés creciente por parte de las empresas para adoptar prácticas sostenibles, ya sea por convicción ambiental, búsqueda de eficiencia, o bien, por la misma presión que ejerce el mercado.

Las empresas entrevistadas coinciden en que modificar sus procesos puede ayudarles a optimizar de manera eficiente sus recursos y disminuir sus costos, además de reforzar su ética ambiental.

Asimismo, este estudio muestra que las mipymes juegan un papel doble; pues por un lado se encuentran las empresas que implementan de manera directa el modelo, pero por otro, aunque no la integran de manera directa en sus procesos, si la promueven entre sus clientes y colaboradores.

Finalmente, las mipymes mexicanas poseen un gran potencial para impulsar la transición circular en México, pero es necesario el apoyo institucional, fiscal, formación técnica y acceso a mecanismos de financiamiento que faciliten su adopción.

Sin un entorno favorable, la circularidad seguirá en un nivel incipiente y será solo un ideal por alcanzar. De aquí que surge la necesidad de promover políticas y estrategias que permitan articular a todos los actores para alcanzar este objetivo común.

8. RECOMENDACIONES

Derivado de los hallazgos, se proponen seis líneas de acción que buscan fortalecer la implementación de la economía circular en las empresas:

1. Diseñar programas de financiamiento y capacitación técnica para mipymes

Es importante que el Estado y las instituciones establezcan instrumentos de crédito e incentivos fiscales que permitan a las pequeñas empresas realizar inversiones en maquinaria, capacitación y rediseño de sus procesos.

2. Fomentar la capacitación y conciencia ambiental

Se recomienda que las empresas creen alianzas con universidades, centros de investigación y cámaras industriales para acceder a programas de formación en sostenibilidad, innovación y gestión circular. Esto permitirá fortalecer las capacidades técnicas de los empresarios y del personal que se encuentra en el área operativa.

3. Crear redes de colaboración

La economía circular solo puede desarrollarse si existen redes de colaboración entre las empresas.

4. Regulación a proveedores

El Estado puede crear estrategias a través de las cuales se le otorgue prioridad a proveedores y productos que cumplan con estándares de circularidad.

5. Campañas de conciencia ambiental

Debido a que los consumidores influyen directamente en el comportamiento productivo, es necesario fortalecer la educación ambiental y conciencia social sobre las decisiones de consumo, pues una sociedad más informada puede acelerar el proceso de transitar hacia la circularidad.

6. Desarrollo de indicadores y evaluación de la circularidad en mipymes

Para que los avances realmente se puedan evaluar, es necesario crear herramientas e indicadores que permitan evaluar el grado de circularidad de las empresas mexicanas, considerando aspectos sociales, económicos y ambientales.

La economía circular representa una oportunidad estratégica para transformar el aparato productivo de México a través de las mipymes, sin embargo, su implementación requiere de un cambio de mentalidad que trascienda de lo técnico a lo cultural y estructural.

REFERENCIAS

Banco Mundial. (2018). *La basura mundial crecerá un 70 % para 2050 si no se toman medidas urgentes* [Comunicado de prensa]. Banco Mundial. <https://www.bancomundial.org/es/news/press-release/2018/09/20/global-waste-to-grow-by-70-percent-by-2050-unless-urgent-action-is-taken-world-bank-report>

- Barraza, M., & Rodríguez, A. (2020). *Economía circular: principios, estrategias y casos de estudio en América Latina*. *Revista de Estudios Ambientales*, 12(2), 34–49.
- Benyus, J. M. (1997). *Biomimicry: Innovation inspired by nature*. New York, NY: William Morrow.
- Cantú, A., Aguiñaga, E., & Scheel, C. (2021). Learning from failure and success: The challenges for circular economy implementation in SMEs in an emerging economy. *Sustainability*, 13(3), 1529. <https://doi.org/10.3390/su13031529>
- Chertow, M. R. (2000). Industrial symbiosis: Literature and taxonomy. *Annual Review of Energy and the Environment*, 25, 313–33.
- Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). (2021). *La economía circular en América Latina y el Caribe: Una visión compartida*. Santiago de Chile: CEPAL.
- Fundación Ellen MacArthur (EMAF). (s.f.). *Hacia la economía circular: Justificación económica y empresarial de una transición acelerada; A systematic literature review*. *Business Strategy and the Environment*, 30(8), 3686–3702. <https://doi.org/10.1002/bse.2834>
- Geissdoerfer, M., Savaget, P., Bocken, N. M. P., & Hultink, E. J. (2017). The circular economy – A new sustainability paradigm? *Journal of Cleaner Production*, 143, 757–768. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.12.048>
- Geng, Y., Sarkis, J., & Ulgiati, S. (2019). Designing the circular economy: Operationalizing an interacting systems approach. *Sustainability*, 11(17), 4877.
- Gereffi, G. (2018). *Global value chains and development: Redefining the contours of 21st century capitalism*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Honeyman, R. (2014). *The B Corp Handbook: How to Use Business as a Force for Good*. Oakland, CA: Berrett-Koehler Publishers.
- Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI). (2021). *Sistema de Cuentas Nacionales de México: Producto Interno Bruto por entidad federativa*. México: INEGI.
- Kirchherr, J., Reike, D., & Hekkert, M. (2017). Conceptualizing the circular economy: An analysis of 114 definitions. *Resources, Conservation & Recycling*, 127, 221–232. <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2017.09.005>
- Kirchherr, J., Reike, D., & Hekkert, M. (2018). Conceptualizing the circular economy: An analysis of 114 definitions. *Resources, Conservation and Recycling*, 127, 221–232.
- Kvale, S. (1996). *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ley de Economía Circular de la Ciudad de México. (2023). *Gaceta Oficial de la Ciudad de México*. Ciudad de México.
- Ley General del Equilibrio Ecológico y la Protección al Ambiente (LGEEPA). (1988). *Diario Oficial de la Federación*, 28 de enero de 1988. México.
- McDonough, W., & Braungart, M. (2002). *Cradle to cradle: Remaking the way we make things*. New York, NY: North Point Press.

Merriam, S. B. (2009). *Qualitative research: A guide to design and implementation* (3ª ed.). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Mundial, B. (2018, 20 septiembre). Informe del Banco Mundial: Los desechos a nivel mundial crecerán un 70 % para 2050, a menos que se adopten medidas urgentes. *World Bank*. <https://www.bancomundial.org/es/news/press-release/2018/09/20/global-waste-to-grow-by-70-percent-by-2050-unless-urgent-action-is-taken-world-bank-report>

Murray, A., Skene, K., & Haynes, K. (2017). The circular economy: An interdisciplinary exploration of the concept and application in a global context. *Journal of Business Ethics*, 140(3), 369–380. <https://doi.org/10.1007/s10551-015-2693-2>

OCDE. (2019). *Business models for the circular economy: Opportunities and challenges for policy*. París: OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/g2g9dd62-en>

Organización de las Naciones Unidas (ONU). (2021, 3 de marzo). *La economía circular: un modelo económico que lleva al crecimiento y al empleo sin comprometer el medio ambiente*. Noticias ONU. <https://news.un.org/es/story/2021/03/1490082>

Ormazabal, M., Prieto-Sandoval, V., Jaca, C., & Santos, J. (2018). An overview of the circular economy among SMEs in the Basque Country: A multiple case study. *Journal of Industrial Engineering and Management*, 11(5), 825–853. <https://doi.org/10.3926/jiem.2442>

Pauli, G. (2011). *La economía azul: 10 años, 100 innovaciones, 100 millones de empleos: Un informe para el Club de Roma*. Barcelona: Tusquets Editores.

Pearce, D. W., & Turner, R. K. (1990). *Economics of natural resources and the environment*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.

Saldaña, J. (2013). *The coding manual for qualitative researchers* (2ª ed.). Los Angeles, CA: Sage.

Saldaña, J. (2021). *The coding manual for qualitative researchers* (4th ed.). London: SAGE Publications.

Segerson, K., Pearce, D. W., & Turner, R. K. (1991). Economics of natural resources and the environment. *Land Economics*, 67(2), 272.

Stahel, W. R. (1977). *The potential for substituting manpower for energy: Final report 30 July 1977 for the Commission of the European Communities* (Study / Battelle, Geneva; no. 76/13). Geneva, Switzerland: Battelle, Geneva Research Centre.

Whalen, K. A. (2019). Three circular business models that extend product value and their contribution to resource efficiency. *Journal of cleaner production*, 226, 1128–1137.

SOBRE LOS ORGANIZADORES



Teodoro Reyes Fong. Doctor en Ciencias Económico Empresariales por la Universidad de Cantabria (Santander, España). Profesor Investigador de tiempo completo, perfil deseable PRODEP y miembro del SNII de la SECIHTI. Líneas de investigación: Eficiencia y productividad de las organizaciones, sistemas de control de gestión y gestión de empresa familiar.



Dr. Juan Flores Preciado. Profesor Investigador de tiempo completo, Licenciado en Administración, Contador Público, Maestro en Administración en la Facultad de Contabilidad y Administración de la Universidad de Colima, Doctor en Administración por la Universidad Autónoma de San Luis Potosí México. Diplomados en: Formulación y Evaluación de Proyectos de Inversión organizado por la OEA-NAFIN y la Facultad de Economía de la Universidad de Colima, Opinión Pública en la Facultad de Letras y Comunicación de la Misma Institución, Finanzas en el ITESM (Campus Colima) y Administration, Droit et Marketing en Université Du Québec À Montreal. Es docente desde 1981 en el nivel de Licenciatura, Maestría y Doctorado. Sus líneas de investigación son: Pymes, Empresas familiares, finanzas y metodología de la investigación.



Dra. Ana Isabel Ordóñez Parada. Profesora Investigador de tiempo completo, Licenciado en Informática, Maestro en Administración en la Facultad de Contabilidad y Administración de la Universidad Autónoma de Chihuahua. Investigadora en el SIN Nivel I, Integrante del Cuerpo Académico Consolidado UACH-Ca-53 "Administración, Estrategia y Sociedad". Certificado en Informática ante ANFECA. Arbitro de revista Arbitrada Tecnociencia, consejera Nacional Revista Excelencia Administrativa, Diplomado en administración de la información asistida por computadora, Diplomado procesos de intervención para

una docencia centrada en el aprendizaje, Diplomado en formación docente en modalidades no convencionales, diplomado en responsabilidad social, Empresarial, diplomado derechos humanos e igualdad de género, Docente desde 1995 en el nivel de Licenciatura, Maestría y Doctorado. Líneas de investigación son: estrategia, educación y sociedad.



Rodolfo Antonio Mejía Villaseñor. Profesor de Tiempo Completo de la Universidad de Colima en el área de la Enseñanza de las Matemáticas, con formación como Licenciado en Educación Media Superior Especializado en Matemáticas; con estudios de posgrados como Maestro en Educación y Doctor en Gerencia y Políticas Educativas.

ÍNDICE REMISSIVO

A

AHP 43, 49, 57

Ambiente laboral 76, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102

Atractivos turísticos 115, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132

C

Calidad web 104, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 118, 119

Capital humano 20, 21, 26, 35, 36, 37, 39, 40, 41

Ciberseguridad bancaria 1, 9

Ciudad de Morelia 121, 122, 124, 125, 126, 129, 130

Clonación de tarjetas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 16

Competitividad operativa 43, 46

D

Desarrollo regional 20, 21, 40

E

Entropía de Shannon 43, 44, 48, 50

F

Fraude cibernético 1, 6, 16, 17

G

Gobernanza corporativa 43, 45

Grupo generacional 74, 76, 83, 85, 86

I

Identidad cultural 20, 31

Índice compuesto 43, 44, 46, 49, 52, 53, 55

Infraestructura 9, 20, 21, 26, 29, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 48, 50, 51, 52, 53, 63, 106, 111

Inversión extranjera directa 35, 36, 37, 38, 42

L

Logística 35, 36, 37, 38, 40, 41

M

Marketing 110, 112, 116, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

Métodos multicriterio 43, 47, 56

Modelo circular 59, 60, 64

Modelo lineal 59, 60

Motivación en el trabajo 88

N

Nearshoring 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Nivel socioeconómico 6, 74, 79, 83, 85, 86

P

PEMEX 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Posicionamiento digital 104, 108, 109, 114

Producción 46, 48, 50, 51, 52, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 89, 92, 106, 111

Productividad 63, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Pueblos Mágicos 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120

R

Robo de identidad bancaria 1, 7, 16

S

Satisfacción laboral 4, 6, 48, 50, 51, 52, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 100, 102, 103

Sostenibilidad 20, 21, 22, 23, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 57, 62, 68, 71, 104, 105, 107, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119

Sostenibilidad energética 43, 45

T

Tarjetas de crédito 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

T-MEC 35, 36, 37, 40, 41, 42

TOPSIS 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55

Turismo 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133

Turismo sostenible 30, 31, 32, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 118, 120

En un entorno caracterizado por la transformación digital, la globalización de los mercados, la creciente incertidumbre económica y la necesidad de construir organizaciones más competitivas y sostenibles, el análisis científico de los fenómenos económicos y administrativos adquiere una relevancia estratégica para comprender los desafíos que enfrentan las empresas y la sociedad contemporánea.

Perspectivas contemporáneas reúne investigaciones sobre finanzas, economía, competitividad, MiPyMEs, relaciones laborales, turismo y marketing digital, ofreciendo evidencia empírica y propuestas para investigadores, estudiantes y profesionales.

Como resultado, esta obra no solo documenta investigaciones relevantes sobre problemáticas actuales, sino que también fomenta el pensamiento crítico y el diálogo interdisciplinario entre la academia, el sector empresarial y las instituciones públicas. Las reflexiones y hallazgos presentados constituyen un referente para el diseño de estrategias orientadas al fortalecimiento de la competitividad, la innovación y el desarrollo sostenible, contribuyendo a la generación de soluciones que respondan a las exigencias de un entorno económico y social en constante transformación.